

CRUZEIRO DO SUL, AC, 20 DE AGOSTO DE 1999

Meu caro amigo e Governador do Acre, Jorge Viana; Ministro dos Transportes, Eliseu Padilha; Senhores Ministros que me acompanham; Senhor Comandante da Força Aérea Brasileira; Senhores Senadores Nabor Júnior, Tião Viana e Marina Silva; Senhores Deputados; Senhor Prefeito de Cruzeiro do Sul, meu companheiro Luís Bezerra; Senhores Prefeitos e Vereadores; Senhoras, Senhores, sobretudo povo do Acre, povo do Cruzeiro do Sul,

Eu me sinto, realmente, recompensado por ter cumprido uma promessa íntima. Há alguns anos, quando estávamos propondo um plano de governo para o Brasil, em 1994, depois de muitas discussões, fez-se um programa que incluía a ligação entre Rio Branco e Cruzeiro do Sul. Isso foi antes de eu ser eleito. Não foi uma promessa de campanha, nem foi uma promessa para eleger alguém no Acre. Foi uma compreensão de brasileiro de que o Acre não podia continuar isolado e que Cruzeiro do Sul tinha de estar próximo de Rio Branco para estar mais próximo do Brasil.

As coisas não são fáceis nunca, mas elas são possíveis de serem realizadas. Levamos quatro anos colocando recursos nessa estrada. Agora, chegou a vez de, em mais quatro anos, terminarmos essa estrada. Ela

será terminada, porque não é do Governador Jorge Viana, não é do ex-Governador, não é do Presidente Fernando Henrique, não é do Ministro Eliseu Padilha. Ela é do povo do Acre. É o Acre que precisa. É o Acre que merece.

Quero, também, lhes dizer que não é essa a única emoção que tenho ao ver a continuidade de uma obra que considero importante. Eu tinha que vir ao Acre, mas tinha que vir, também, a Cruzeiro do Sul. Agradeço ao Prefeito Luís Bezerra o fato de nós estarmos aqui, na cidade que me deu a maior votação proporcional que obtive no Acre. Sou grato aos acreanos. Hoje, sou o Presidente da República. Sou grato a quem votou e a quem não votou. Sou grato não ao eleitor, sou grato às pessoas do Acre, às famílias do Acre, aos trabalhadores do Acre, porque estão sabendo levar adiante este estado.

Hoje, estou aqui, ao lado do Governador Jorge Viana, e ouvi com atenção as palavras dele. Eu as endosso, Governador. Pudéssemos nós, lá em Brasília, ter a mesma amplitude de visão que estamos tendo aqui no Acre para separar o que é bom para o Brasil do que é o interesse de partido. Nós, aqui, estamos pelo bem do Brasil e não por interesse de partido, sem prejuízo de que os nossos partidos possam se beneficiar do apoio do povo.

Mas é esse o novo espírito do Brasil. O novo espírito do Brasil exige que o Presidente da República, o governador, o prefeito, o senador, o deputado, antes de mais nada, ouçam o clamor da rua. Exige uma certa humildade de todos nós, principalmente em momentos de dificuldade, porque se nós governantes temos que enfrentar dificuldades, sabemos também que o nosso povo as enfrenta ainda maiores e tem, talvez, menos condições do que nós para fazer frente a elas. E esse povo não desanima.

E para que esse povo continue como é, confiante nele próprio, confiante no Acre, confiante no Brasil, não vai bastar fazer estradas, não vai bastar trazer linhas de transmissão. Vai ser preciso mais. Vai ser preciso continuar dando terra a quem de terra necessita. Vai ser preciso continuar dando saúde a quem de saúde necessita, e, sobretudo, educação aos nossos jovens, às nossas crianças. Poderão criticar-me

por qualquer razão, menos por uma: nunca descuidei nem da saúde, nem da educação, nem da distribuição de terra. Nunca, na história do Brasil, em tão pouco tempo, se fez tanto pelos mais humildes, pelos mais pobres nessas áreas a que estou me referindo.

Certamente, o Acre necessita, precisa e merece muito mais do que a BR-364. O ministro Eliseu Padilha mencionou as outras possibilidades de ligação do Acre com o Peru. Sabemos, também, que tudo isso vai ser feito, mas o Acre precisa, sobretudo, descobrir formas de convivência que permitam aquilo que é o essencial: o bem-estar de sua população. Aqui, temos uma imensa cobertura florestal. Essa cobertura florestal é um bem que Deus deu aos homens que não pode ser destruída pela mão dos homens. Tem que ser utilizada racionalmente.

É por isso que vou, daqui a instantes, a Xapuri. Vou lá ver a experiência pioneira, lembrar o nome de Chico Mendes. Ao vir de avião, agora, aqui para Cruzeiro do Sul, reli, porque me entregaram, um artigo que escrevi há mais de dez anos, em 1988, indignado pelo assassinato de Chico Mendes, da mesma maneira que, ontem, me pronunciei, indignado, pela impunidade daqueles que executaram a chacina em Eldorado dos Carajás.

O cidadão Fernando Henrique é o mesmo Presidente Fernando Henrique. Iludem-se os que querem fazer distinção. Apenas o Presidente, hoje, tem mais responsabilidade e tem de tomar em consideração uma diversidade muito grande de aspectos regionais, políticos e econômicos para poder levar adiante o mesmo projeto de vida, que é o projeto mais simples de todos os brasileiros: democracia, bem-estar, justiça, estabilidade, tranqüilidade, decência, ética na vida pública.

Estamos aqui hoje, Senador Nabor, que nos conhecemos de lutas antigas, quando o regime era autoritário – quando muito poucos, até alguns que, hoje, estão se enfeitando de democratas, saíam de suas casas, ou quando saíam era para aplaudir o autoritarismo –, estamos nas ruas lutando pela democracia. É na rua que se luta pela democracia. Mas é na rua, também, que deve prevalecer o respeito à democracia.

O Presidente-Cidadão que aqui fala, fala com seu povo sem temor algum. Mas exige, também, dos partidos, quaisquer que sejam, e de

todos os cidadãos brasileiros, que respeitem o resultado das urnas, quando o povo escolheu quem vai dirigir o Brasil.

A democracia tem duas mãos: a mão que faz que o governante respeite o povo e a mão que faz que o eleito seja respeitado por aqueles que participam do jogo político. Hoje, não vivemos mais nos tempos selvagens em que não se tinha o direito de palavra, de expressão, de manifestação. Mas não construímos a democracia para que ela venha a ser minada pela intriga, pelo disse-que-disse, pela corrida infernal a postos que, realmente, muitas vezes nem existem no serviço público, nem por disputas partidárias fora de hora, que só impedem que o Brasil avance mais.

Este povo do Acre, que está aqui na praça, sabe que nós, aqui, Governador, estamos juntos trabalhando pelo bem do país e do povo. Sabe que só assim se avança. O povo não está aqui para aplaudir palavras fáceis. Ele está aqui, ao mesmo tempo – quem sabe? –, para ver que um Presidente da República pisa, e com muito orgulho, na terra acreana. Mas certamente está aqui, também, para nos olhar com certa dúvida em saber: será que esses dois e os Prefeitos, que aqui estão representados pelo Aluísio, vão mesmo ser capazes de fazer aquilo que eles estão dizendo? É nossa obrigação, Governador, Prefeito, fazer o que estamos dizendo, porque o que estamos dizendo é o que o povo quer. E o povo quer estradas, o povo quer escolas, quer hospital, quer decência na vida pública.

Não quero cansá-los nesta manhã ensolarada. Mas quero, simplesmente, terminar lhes dizendo que, ao chegar aqui, ao ver o Juruá, ao ver os meandros do rio Purus, ao ver essa imensa selva amazônica e, de repente, numa clareira, uma cidade que brota com vitalidade, me deu orgulho de ser brasileiro, aqui, nesses limites do Brasil, aqui, nesta terra, onde os que estão em sua costa sabem, por referência de ver, que existe o mesmo Brasil que encontramos no Sul, que encontramos no Norte, no Nordeste, no Rio de Janeiro, em São Paulo. Ou seja, um povo que tem garra, um povo que, a despeito do isolamento, constrói uma civilização que é nossa, e que se diferencia também, que tem suas peculiaridades pelas florestas.

Isso enche de orgulho o coração de um presidente, como enche o coração de qualquer homem do povo ou mulher do povo. Eu gostaria que todo o Brasil, ao nos ouvir, como está nos ouvindo, sinta esse mesmo orgulho que sentimos daqueles que fizeram do Acre parte do Brasil: Plácido de Castro e o Barão do Rio Branco, daqueles pioneiros que vieram para cá, das muitas famílias que aqui se radicaram e sofreram a malária, sofreram a hanseníase, enfrentaram tudo para que nós, hoje, possamos olhar essa juventude mais risonha. Essa juventude, certamente, terá um futuro melhor do que o dos nossos antepassados. É isso que faz com que este nosso país seja grande. Ele é grande não só pela sua economia. Ele é grande não pelo seu tamanho. Ele é grande por que tem um grande povo.

Venho aqui, humildemente, dizer: agradeço ao povo de Cruzeiro do Sul, agradeço ao povo do Acre o que está fazendo pelo Brasil.

Muito obrigado. Viva o Acre, viva o Cruzeiro do Sul e viva o Brasil!

